

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Jul.2013
Artigo
Exposição Marina Rheingantz

Veículo
Seção
Autor

Revista Bravo
Crítica
Tiago Mesquita



Crossroads, de 2013. Nas novas telas, a figuração abre espaço para uma violência de formas pesadas e incompletas

CRÍTICA

ÚLTIMO SUSPIRO

Mostra da paulista **Marina Rheingantz** reúne pinturas que parecem estar a um passo de se desfazer POR TIAGO MESQUITA

Marina Rheingantz resolveu chamar sua nova exposição de *Uma Hora e Mais Outra*. O título vem de um poema de Carlos Drummond de Andrade que termina dizendo que “a hora mais bela surge da mais triste”. É revelador, pois as pinturas aqui lidam com situações frágeis, próximas de deixarem de existir. As figuras parecem estar se desmanchando. São pesadas, fissuradas, incompletas. Tudo pode se desfazer: as relações entre as cores, as pinceladas e as formas.

Isso não quer dizer que o trabalho de Marina seja descuidado. Pelo contrário. A artista, nascida em Araraquara (SP) em 1983, aperfeiçoa o que já fazia e amplia seu repertório formal e temático. Essa é sua mostra mais variada. E a primeira que apresenta pinturas não figurativas.

Suas imagens são construídas pela sobreposição de pinceladas em direções variadas. Por baixo de áreas amplas de cor, aparecem resquícios de outras camadas de tinta. O colorido de cada um desses planos nunca é simples.

Nos últimos anos, muitos artistas brasileiros se dedicaram à pintura. Uns

tantos se voltaram à figuração. Marina é uma das que levou mais a sério as questões específicas desse caminho. Até 2011, retratava, sobretudo, espaços vazios. Eram interiores e paisagens - ambientes insólitos e cheios de tinta, pontuados por cadeiras, casas e outros elementos. Às vezes, a artista partia de locais já existentes e imagens prontas. O seu modo de pintar emprestava aos espaços certa aparência abandonada.

Tratava-se de lugares ermos e solitários, onde as coisas, deixadas à própria sorte, começavam a perder vigor. Escuras, as cores se sobrepunham, lembrando uma malha fina de poeira, como se a artista, a cada camada de tinta, adicionasse mais desgaste. A cor perdia o brilho, a tinta acabava escorrendo e se sedimentava em faixas na base da tela.

ROSA EM TECNICOLOR

Nas novas pinturas, a figuração é menos importante. Marina parece ter prestado atenção aos diferentes modos de usar a tinta e tratado não mais daquele esmaecimento lento das coisas esqueci-

das. Comparando a recente *Seven White Sisters* (2012) com paisagens anteriores, percebemos um grau de violência que não existia. As linhas que deveriam conformar o branco entre os azuis não conformam nada. Tudo parece desabar e vemos dois pequeninos elementos, uma casa e um farol, os únicos indícios de um espaço a se desfazer.

Em *Marte* (2013), uma paisagem se esvai sob o “rosa em tecnicolor” do poema de Drummond. Como se debaixo de tal luz a matéria e a tinta não comunicassem nada. O esforço da artista é fazer com que essa tinta, que parece não representar mais formas, dê seu último suspiro antes de perecer. ■

TIAGO MESQUITA é crítico e professor de história da arte.

A EXPOSIÇÃO

Uma Hora e Mais Outra. Galpão Fortes Vilaça (r. James Holland, 71, Barra Funda, São Paulo, SP, tel. 0+51/3392-3942). Até 27/7. De 3ª a 6ª., das 10h às 19h; sáb. e dom., das 10h às 18h. Grátis.